

Discurso de elogio a António Guterres, no seu Doutoramento *Honoris Causa* pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

22 de maio de 2016

1. Joaquim Romero Magalhães, um dos meus mais queridos professores, o que em 1973 me deu a primeira aula e abriu a vida letiva na Faculdade de Economia, já falou nesta sala acerca de António Guterres, quando este aqui esteve como Apresentante de Amartya Sen.

Agora, que devo salientar as elevadas qualidades daquele que queremos que seja, por causas honrosas, nosso Doutor, não me vejo senão na tarefa bem modesta de secundar as palavras do meu professor. Disse ele então, depois de traçar o percurso do brilhante aluno do Instituto Superior Técnico que viria a ser líder do Partido Socialista, Primeiro-Ministro, Presidente da Internacional Socialista e Alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados: “O Eng. António Guterres tem-se destacado como um político de rara qualidade”; na “procura de inteligência da vida e das sociedades (...) pode ser tido sem qualquer restrição como um político culto. (...) Apetrechamento cultural e conhecimentos elaborados que transparecem da sua forma de pensar e de atuar, como daquilo que o caracteriza quase sem par entre nós, que é a forma de falar, de expor um assunto, de transmitir ideias. Poder-se-á dizer sem qualquer possibilidade de erro (...), que o verdadeiro António Guterres é o António Guterres a falar. É notável a qualidade da sua eloquência, baseada nessa abrangente visão cultural e na sabedoria de quem sabe o que quer e o que deve fazer porque para isso se preparou.”

Citei estas palavras por saber que não posso dizer outras melhores. Retenho a última frase, que repito, “quem sabe o que quer e o que deve fazer porque para isso se preparou”.

2. Tenho para mim que António Guterres se distingue por ter sabido construir para si um privilégio raro, a que poucos acedem na vida pública. Foi em Portugal um interveniente distinto em vários planos da ação política, assumiu com uma capacidade original o contraditório, produziu consensos, exerceu o mando. Mas guardou sempre para si a liberdade infinita de poder escolher – e de escolher o que correspondesse ao mais fundo do seu ser, ao que lhe vai na alma, àquilo para que se preparou e de que mais gosta. E essa escolha foi, indiscutivelmente, situar-se na cena internacional num momento de cruéis desequilíbrios, dedicar-se à exigência mais fina do bem comum, a consideração pelos outros, dando a força que falta aos mais fracos, aos desapossados, aos que ficam dramaticamente dependentes do que alguém possa fazer por eles. E fazê-lo questionando o sistema que gera tais desigualdades. É, pois, um humanista integral. Tudo isto está bem espelhado na forma relevantíssima como desempenhou a missão no ACNUR. Não me parece, aliás, que seja exagero dizer que todos pressentimos que assim era quando o vimos encaminhar-se para ali. Todos teremos dito, “é este o lugar de Guterres”, “é ali que ele é inteiramente Guterres”. Assim como hoje dizemos, pela razão e pela vontade – o nosso candidato a Secretário-Geral da ONU é o que melhor se disporá para dar a este mundo dramático cujos dias nos

cabe viver aquilo de que tal mundo e a Organização das Nações Unidas mais precisam.

3. Não que Guterres não tenha tido em Portugal um papel essencial e incontornável no momento crucial em que o país precisou dele. A trivialidade do ambiente político português, uma certa grosseria que tantas vezes paira no ar, foram responsáveis por se ter criado uma fortíssima injustiça acerca da forma como terminou a sua fase mais ativa na política interna. Inventou-se a tese do abandono. Os autores de tal tese só podem ser os que não têm lastro suficiente para saberem, perante as circunstâncias, dar-se a liberdade que Guterres se deu. Podia ter sido apenas desprendimento e não seria pouco. Mas foi claro que aquele exercício da liberdade continha um desígnio, que ele queria assumir no plano internacional e na correção das mais graves disfunções que hoje nos martirizam. Os políticos pequenos só compreendem bem as teias que os amarram e estão sempre atormentados pela consciência de que foram essas teias que os fizeram e que pouco seriam sem elas. Por isso, não se lhes pode exigir que compreendam que pessoas livres, num contexto saudável de contraposição e debate, tenham lealdades fortes, mas tenham também voz própria e capacidade de dissensão, quer dizer, opção pela porta da saída, para usar aqui o notabilíssimo “tríptico” – lealdade, voz e dissensão – proposto por Albert Hirschman, um dos mais grandiosos economistas que pisou o chão desta sala para aqui ser Doutor *Honoris Causa* pela minha Faculdade.

Quando Guterres soube dizer, em nome da sua razão, que o seu tempo na vida interna do país era para acabar e para acabar através da sua própria decisão foi porque sabia bem como continuar a estar onde quer estar – na vida pública. E porque, nesse exercício de elevar a voz e sair, sabia igualmente como se usa a liberdade. Mas não é apenas para apontar a injustiça que falo desse tempo. É também para lembrar a quem esquece depressa o que significou falar de diálogo, de tolerância, de um rendimento digno ou de educação e ciência em tempos tão estritamente crispados, altivos e sobranceiros como os que nos trouxeram aos meados dos anos noventa, há duas décadas atrás. A vida política, como a economia, tem os seus ciclos. Houve, no Portugal dos últimos 40 anos, o ciclo da conquista democrática, o da euforia europeia, o da captura do Estado pelos que queriam servir-se dele, com a altivez cúmplice de quem mais mandava. E houve o ciclo de Guterres. E esse deve ser aqui bem lembrado como um momento muito importante. Porventura como nos dias que hoje correm, tratou-se então de dizer a quem olhava o povo com sobrançeria que era preciso parar, regressar aos significados mais essenciais da vida coletiva e da democracia. E Guterres fez isso como Primeiro-Ministro. Na política, as comparações são sempre arriscadas ou mesmo desadequadas, mas atrevo-me a dizer que Guterres foi, na trajetória iniciada em Abril de 1974, o primeiro autor de um momento preciso em que era necessário resgatar a democracia abalada pelo poder cego, pela desconsideração pelo povo e pelo esquecimento grave de que a vida pública é para servir a população e não para a desqualificar, empobrecer ou ignorar. Hoje vivemos em Portugal outro desses tempos de esperança em que se quer dar valor ao que somos e não aos instrumentos da nossa submissão. E é também por isso que faz sentido que a nossa Sala Grande abra as suas portas.

4. Guterres é um homem que tem uma noção apuradíssima do estado do mundo. Para isso, não é aos cenários luminosos dos grandes poderes, onde estão os ricos

e os opulentos, que ele dá atenção. É antes o lado esconso do planeta, as suas múltiplas periferias, que lhe interessa.

Numa conferência na Universidade de Oxford, no Centro de Estudos sobre os Refugiados, mostrou bem aquilo a que, na verdade, podemos chamar a prevalecente economia política do acolhimento de refugiados. Recorro à sua análise, nos múltiplos e sempre claríssimos discursos como ACNUR, e adoto-a. Mais de 60 milhões de deslocados devido a conflitos. 20 milhões de refugiados e 40 milhões de deslocados dentro dos seus próprios países. É assim porque não falamos de focos ocasionais. São questões cruciais que estão no centro do tipo de vida e de organização internacional que foi sendo forjado ao longo das décadas. Os conflitos de hoje são resilientes e reemergem sistematicamente. Algumas situações, que envolvem 2/3 dos refugiados, estão interrelacionadas com a segurança global: do sul da Ásia até ao corno de África e ao Sudão, através do Líbano e do Médio Oriente. Passam por aqui as relações entre o espaço islâmico e o Ocidente. Já na África Central e na região dos Grandes Lagos são crises locais e regionais com consequências humanitárias dramáticas mas que, por não afetarem a segurança global, são esquecidas.

O que é impressionante é o lugar ocupado no acolhimento pelos eufemisticamente chamados países em desenvolvimento, que já designámos subdesenvolvidos ou terceiro mundo, e que saíram da agenda e do nosso vocabulário, vagamente substituídos por outras expressões de matiz religioso ou de sentido dúbio. Este tema já não faz parte do curriculum das licenciaturas em Economia, mesmo na minha Faculdade, onde só reaparecerá porque quisemos sempre dotar-nos de outros saberes que garantissem um mínimo de pluralismo e de sensatez, como acontece com as disciplinas de relações internacionais. E, no entanto, é este espaço que conta para acolher os mais desprotegidos dos desprotegidos. Cito António Guterres: “Contrariamente ao que os populistas nos querem fazer acreditar, o esforço de acolhimento dos refugiados cabe de modo muito predominante ao mundo em desenvolvimento onde, na verdade, vivem 4/5 de todos os refugiados”. E justifica – basta olhar para a relação entre o número de refugiados que um país acolhe e o seu PIB *per capita*: os 25 países mais seriamente tocados pela presença de refugiados são do mundo em desenvolvimento e 14 são dos países menos desenvolvidos. O Paquistão acolhe 745 refugiados por cada dólar do seu PIB *per capita*. O primeiro país desenvolvido que aparece na lista é a Alemanha mas a relação é só de 17 refugiados por dólar. No Reino Unido é 7.

Como se pode ignorar isto? Como podem a Europa e os ricos fecharem-se tão doentamente? Como podem recusar um território aos desabrigados?

5. Guterres conhece o mundo e conhece a Europa. Uma Europa de que hoje todos testemunhamos os defeitos, a insuficiência, porventura a insuportável falta de inteligência. Já sabíamos muito, dolorosamente, sobre a forma como se impôs uma racionalidade monetária e bancária que apagou os princípios da coesão e da solidariedade intra-europeia, já sabíamos como a crua ortodoxia orçamental e financeira tinha afastado os povos, os próprios povos europeus, dos objetivos de progresso e bem-estar. Tínhamos obrigação de saber que quem estreitou até ao insuportável a sua própria auto-representação, quem forjou tantos “outros” dentro do seu próprio “eu”, jamais seria generoso para os que, de facto, são

ontologicamente outros. A esses começa por se lhes negar a natureza de semelhantes. Mas a seguir nega-se-lhes a própria sobrevivência, para já não falar da dignidade. A vergonha da situação dos refugiados é a vergonha da Europa. Há meia dúzia de anos a síntese de António Guterres era cuidadosa quando interpelava a Europa. Dizia então: “ainda não há um verdadeiro sistema europeu de asilo mas apenas um *patchwork* de diferentes sistemas nacionais, tornando a situação totalmente disfuncional”. Hoje, aponta caminhos com ousadia e não esconde a frustração. Está visto que a Europa não é capaz de se dotar de um amplo programa que faça dela um lugar de acolhimento e solidariedade. Durante anos, andei a repetir aos meus alunos como foi relevante para a economia democrática que construímos a seguir ao 25 de Abril termos sabido receber, no espaço de poucos meses, gente que regressava ao país e se acolhia na vida que aqui criávamos. E esses equivaliam a 10% da população residente em Portugal. Este argumento, hoje tão repetido, é impossível de aplicar à Europa egoísta, de vistas curtas, que se apouca a si mesma continuamente. Há uma ferida bem aberta neste espaço social e político velho, em autodegradação, a quem parece faltar mesmo o toque de sagacidade de saber que é no regresso aos fundamentos que está a sabedoria. Um espaço que só se regenerará se souber acolher todos os que agora desfavorece – os de dentro e os que venham de fora.

6. Guterres é um homem prático, de ação, determinado por propósitos muito claros cuja formulação mais definitiva se encontra no modo como encara as prioridades. Tem uma notabilíssima erudição, que consiste em saber identificar com rara clareza onde está o essencial das coisas, da vida, das circunstâncias que nos rodeiam, das deliberações a tomar, dos valores a preservar. Ouso dizer que não é outra a agenda dos filósofos. A propósito do mandato do ACNUR, perguntava – deve ele concentrar-se apenas em assegurar a resposta internacional aos deslocados por força de conflitos ou deve também assumir um papel na resposta a outras situações de emergência como as que decorrem de desastres naturais? No fundo, discutia quais são os problemas mais críticos da vida das pessoas à escala global. Guterres tem a arte da identificação certa. Sabe encarar o mundo e ver qual é a forma que ele está a ganhar. E colocar-se do lado justo. Só olhando para as megatendências atuais se pode encarar os destinos dos povos – do povo do mundo – como questão essencial da nossa capacidade política. Diz ele: crescimento populacional, urbanização, insegurança alimentar e energética, escassez de água e, especialmente, alterações climáticas são coisas interrelacionadas que obrigam populações a deixar as suas casas e levam à exacerbação dos conflitos. Que capacidades temos para dar bom governo a uma civilização em tais riscos? Poucas, pensaremos todos nós. Mas há uma coisa certa, no debate mundial, António Guterres é um ator essencial para as respostas que conseguirmos achar.

7. Permitam-me que fale agora das razões da Faculdade que tomou a iniciativa de propor que simbolizássemos adequadamente a convicção de que António Guterres é um dos nossos e que lhe prestássemos a homenagem devida pelas causas nobre em que se envolveu e que tem promovido. É sabido – o meu colega José Manuel Pureza vai enfatizá-lo devidamente – que este Doutoramento Honoris Causa assinala os 20 anos da nossa licenciatura em Relações Internacionais e, de forma mais geral, a consolidação de uma comunidade de investigação e ensino que estuda a paz, a cooperação, os dilemas da convivência

internacional, os problemas locais mais intensos à escala global. Esta área de estudos corresponde a uma vontade e uma intuição muito precisas – aproximarmo-nos o mais possível de uma compreensão integral dos primeiros problemas das comunidades humanas. Nunca quisemos ser uma comunidade académica contemplativa, nem descritiva, nem insignificante. Só compreende bem o mundo quem lhe sente as inquietações. E quem tem a pequena ou grande ambição de nele intervir.

Sei que todos nós nos sentimos profundamente afetados pelo mal que grassa no mundo. Mas não será que nós próprios nós acomodámos? Parece que deixámos de nos saber indignar. O mediterrâneo, ao pé de nós, é um cemitério chocante. Mas só concedemos às tragédias diárias uns instantes de dor quando são em lugares próximos e as notícias nos dão a sensação irrecusável de que é uma carne igual à nossa a que foi massacrada. E mesmo assim a proximidade tem de ter intensidade mediática. Se não, passamos por ela como passamos pelos pobres de todos os dias. Adotámos a trivialidade da dor dos outros, contemporizamos com a crueza das coisas. Morremos devagar julgando que estamos numa vida protegida e dedicando-nos à sociedade informacional como se esta fosse um destino. Guardamos, quanto muito, pequenos espaços rituais para nos declararmos ainda atentos, passageiramente atentos. Sei lá se mesmo o que estamos a fazer aqui, agora, nesta Sala, não é apenas uma ritualidade contemporizadora, se não é um ato de inquietação acomodada. Se o for, a simples possibilidade de o poder ser, é o mais difícil dos incómodos. Reli ontem uma da “cartas” que Paulo Varela Gomes nos mandava da Índia. Na sua escrita luminosa e com a enorme energia que deixou neste mundo, falava-nos de tragédias ignoradas e de “muitas centenas de mortos a que vocês aí, embalados pelo discurso da democracia e da paz não ligaram nada”, “vocês aí na vossa distração”.

Lembro-me agora que faz parte das orações como a que estou a proferir alguma insistência em alusões simbólicas, num barroco compreensível e ritualisticamente saudável. Costumamos invocar as nossas galas, a cor, a música e o toque dos sinos que nos chamaram aqui. Procuramos os eruditos e refinamos as citações cultas. Eu próprio já o fiz noutras circunstâncias, quando aqui elogiei Albert Hirschman, António Simões Lopes ou Jorge Sampaio. Mas permitam-me que não o faça hoje. Não me levem a mal que apele antes à angústia, ao reconhecimento das nossas incapacidades. Que me concentre apenas num grito de revolta. Que fique numa espécie de luto. É, aliás, um luto da Universidade, das Universidades, que quero reclamar perante o estado do mundo.

O homem que aqui está vem apresentado por Teresa Tito de Morais, fundadora do Conselho Português para os Refugiados, garante honrada da grandeza desta causa. Alguém também nossa, cujo elogio por José Manuel Pureza é igualmente o meu elogio. É com a sua força e com os muito que sabe que o acompanham, simbolizados na sua Apresentante, que Guterres se propõe fazer mais ainda, com a coragem que vem do mais fundo de si mesmo. Temos a pequena ambição de lhe dar uma singela recompensa pelas suas canseiras, pouco mais que o copo de água que não se nega a nenhum viajante, um acréscimo de ânimo para o que quer fazer. Mas não queremos, não podemos, ficar confortáveis por chegarmos a tal gesto, que corre o risco de parecer o descanso da delegação das nossas obrigações. Confesso-vos que, por tudo isto, tenho neste momento uma dor que me incomoda. Vejo a momento em que, daqui a pouco, a charamela toca e todos

nos levantamos. Para onde iremos então? Só posso sugerir que vamos com Guterres, percorrendo a praça pública, indo onde está a tragédia, elevando a voz.

Por isso, Senhor Reitor, peço que concedais as insígnias doutorais a António Guterres para com isso afirmarmos que o queremos entre nós, como um dos nossos, mas também que queremos, nós mesmos, ter voz onde mais é precisa a palavra e onde possamos ser ouvidos por aqueles que tanto são esquecidos.